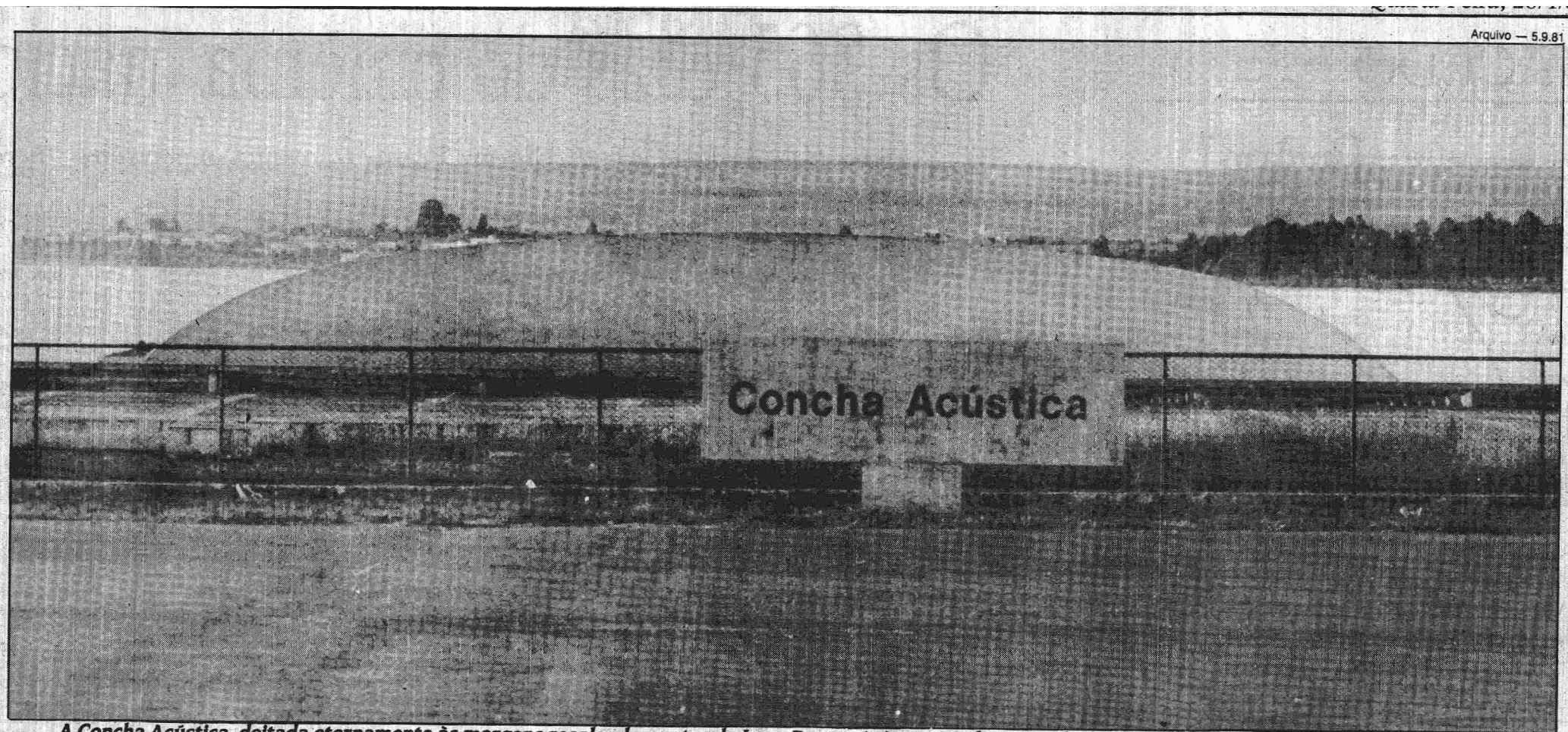
Arquivo — 5.9.81



A Concha Acústica, deitada eternamente às margens resplandescentes do Lago Paranoá: à espera de uma administração que não fique vendo o mato crescer

Templos do caos e do abandono

caderno 2

Entre todos os nefastos espetáculos que estamos assistindo graças ao patrocínio da Fundação Cultural, este é o que mais caro custa à cidade: palcos, salas, cinemas e picadeiros estão mofando

Elisa Mattos

A inoperância da atual administração da Fundação Cultural do Distrito Federal não se restringe apenas à incapacidade de trocar duas lâmpadas do projetor de filmes do Cine Brasília. O incidente que ainda até a tarde de ontem paralisava a programação da melhor sala cinematográfica da cidade serve como um pequeno exemplo da condição caótica em que se encontram os espaços regidos pelo maestro Marlos Nobre. Sem sombra de dúvidas, Brasília está sendo obrigada a assistir um concerto ruidoso e mal ensaiado em que os músicos obedecem perplexos à batuta de Nero.

O Cine Brasília, que trouxe à tona (pela enésima vez) a questão da má administração da arte e cultura, de Brasília, não tem seus problemas resumidos nas duas lâmpadas que refletem as imagens na tela. Todo o equipamento de projeção precisa de reforma geral, como troca de óleo e parafusos enferrujados. O tão aclamado aparelho de ar-condicionado, que ficou anos sem funcionar, finalmente foi instalado em janeiro passado. Só que, os canos por onde o ar transita estão podres e podem estourar a qualquer momento. E mais, a impermeabilização do prédio, que foi feita há cerca de dois anos atrás, não foi o suficiente para impedir novas infiltrações, mesmo com o gasto de NCz$ 2.200,00 dos cofres do GDF.

O administrador dos espaços culturais da Fundação Cultural, Jonas Costa, faz questão de dizer que nenhum desses reparos, e dos outros prédios também, não foram executados exclusivamente por falta de verbas. "Os processos dos pedidos sempre foram encaminhados devidamente e a tempo, mas as verbas só chegam aos poucos em nossas mãos. As providências menores, como a troca das lâmpadas, nós estamos fazendo. No entanto, os casos mais graves não têm previsão para reparo", afirma o administrador. Se falta de recursos financeiros é desculpa para má administração, as cifras servem como provas da distribuição de rendas.

Como determina o Governo do Distrito Federal, a direção da Fundação Cultural solicitou uma verba de execução, em agosto do ano passado, de NCz$ 2.254.025,00 para o decorrer de 1989. Com as mudanças na economia brasileira, o GDF repassou mais NCz$ 135.866,00 em março; outros NCz$ 2.858.164,00 no último dia 12; além de NCz$ 400.000,00 de recursos complementares para a participação da FCDF nos festejos de aniversário de Brasília. Pois bem, somando tudo, nos primeiros quatro meses deste ano, a entidade responsável pelas realizações culturais na cidade recebeu NCz$ 5.648.055,00 para cumprir sua função. Realmente esta cifra não representa a salvação da pátria, mas será que duas lâmpadas de NCz$ 1.950,00 cada precisam esperar dois anos para serem adquiridas? Não cabe, neste caso, a desgastada desculpa "falta de verbas".

As salas da pirâmide cultural sempre foram as meninas dos olhos de todos os administradores da Fundação. Por isto mesmo, a Villa-Lobos, a Martins Penna e a Alberto Nepomuceno estão em perfeito estado de uso, apesar de pouco usadas. A gestão Marlos Nobre zela tanto por tais espaços, que prefere restringir as pautas àqueles de sua extrema confiança, a deixar sujar os carpetes pelos sapatos empoeirados do público que prestigia os grupos locais. Resultado: os melhores teatros de Brasília estão, em sentido figurado, entregue às baratas.

Aos insetos, porém, estão literalmente jogados os espaços das cidades-satélites administrados pela Fundação Cultural. O teatro do Gama está parado há três anos por (ufa!) falta de verbas para reforma total, instalação elétrica, palco, toroletes, paredes internas, etc. Os teatros de Sobradinho e da Praça (Taguatinga) também necessitam de reformas, mas estão funcionando de maneira precária.

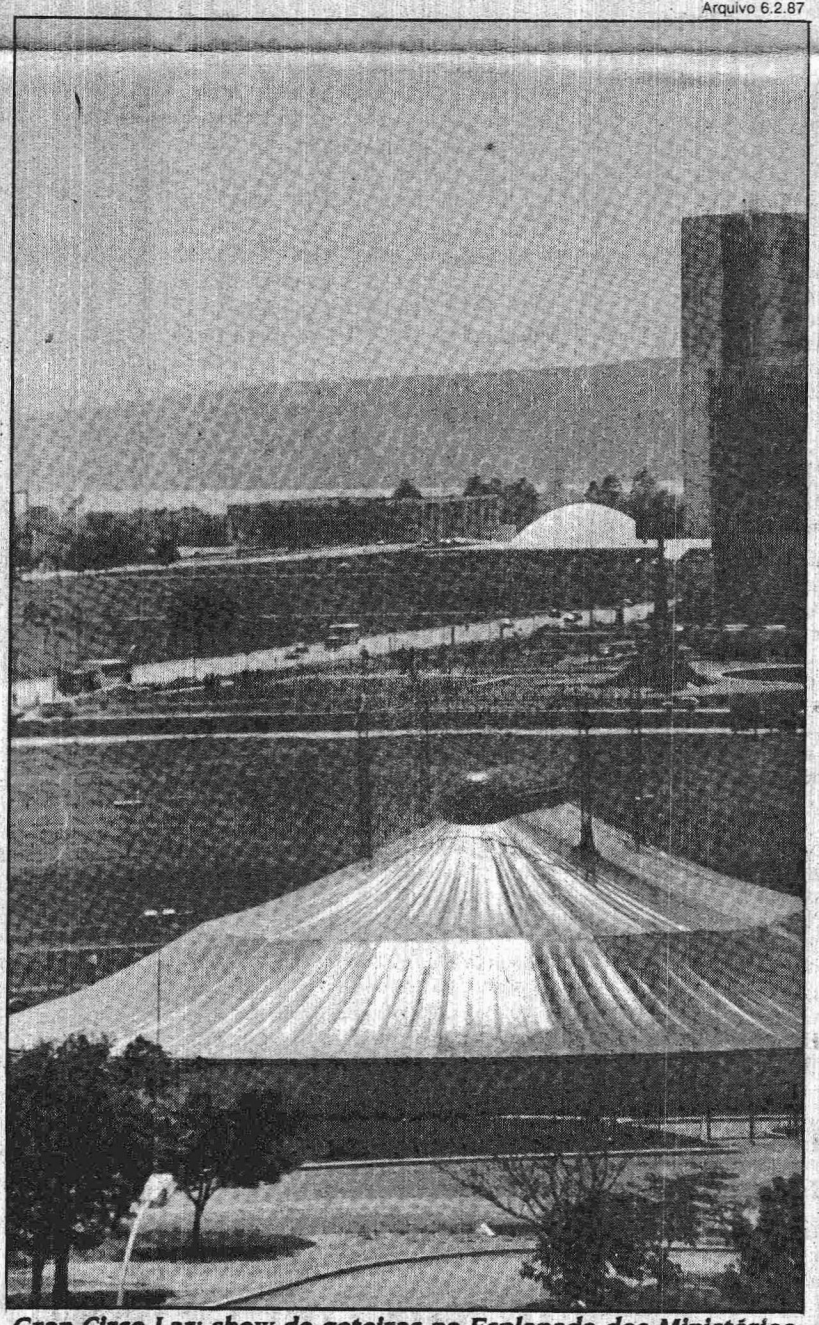
A sala da Escola Parque da 507/508 Sul já foi o principal reduto da vida intelectual de Brasília. Lá o público viu filmes proibidos pela ditadura militar e assistiu peças expressivas da criação local ou de fora. Hoje, o Teatro da Escola Parque está desmoronando física e moralmente. O teto de eucatex se encontra totalmente corroído pelo efeito da infiltração e só ficará perfeito se trocado por madeira; a instalação hidráulica está imprestável e inúmeras cadeiras não servem de assento. Nos últimos dois anos, o teatro vem sendo utilizado somente para palestras dirigidas a professores e alunos da rede escolar. Vez ou outra é programada uma peça teatral, mas o lugar já perdeu seu brilho.

Cadáveres

Uma série de erros administrativos (e aqui, justiça seja feita, não só por culpa de Marlos Nobre) culminou na morte do maior conjunto cultural do Distrito Federal: a 508 Sul. Nesta quadra da W/3 já funcionaram simultaneamente os teatros Galpãozinho, Galpão, três galerias de arte, um Centro de Criatividade e a já citada Escola Parque. No local foi instalado o primeiro escritório da Fundação Cultural que funcionava num pequeno corredor, junto ao antigo galpão que guardava os tratores da Novacap, no início da década de 60. Por empreendimento do ex-diretor da FCDF, Ruy Pereira, e do então secretário da Educação e Cultura do DF, Wladimir Murtinho, o espaço cresceu de tal forma até se transformar no principal ponto de encontro da rapaziada ligada às artes e ao movimento cultural.

Por obra da incompetência que ninguém assume, entre todos os outros que passaram pela direção da Fundação, o 508 Sul foi perdendo sua imunidade, definhando, e chegou ao estado cadavérico em que se encontra atualmente. Inteiramente abandonado e semidestruído, o conjunto cultural espera a vez de ser ressuscitado. A primeira tentativa foi durante a gestão do jornalista Reynaldo Jardim que, através de auxílio financeiro da Fundação OK, pretendia intercalar todas as salas por uma reforma interna.

Arquivo 6.2.87



Gran Circo Lar: show de goteiras na Esplanada dos Ministérios

Segundo Luís Estevão de Oliveira, um dos diretores do Grupo OK, o projeto de reformas nunca foi apresentado e a Fundação preferiu aplicar a verba em outras obras de assistência comunitária. Agora, o Departamento Artístico e Histórico da Secretaria de Cultura está trabalhando no projeto de restauração e revitalização daquela localidade, com apoio da Universidade de Brasília e outros recursos buscados na empresa privada. A intenção é dar início às obras no começo do segundo semestre para que todas as salas sejam devolvidas à comunidade no final do ano. Oxalá os ouça.

Os esquecidos

Quem passa no eixo monumental pode avistar, entre os prédios do Centro de Convenções e da Funarte, uma pequenina nave aterrisada no gramado. A obra que imita um disco-voador é, na verdade, o Planetário de Brasília, inaugurado há 15 anos e destinado a programar filmes científicos que explicam o sistema solar ao público infantil e adulto. Entretanto, desde dezembro do ano passado os desinformados chegam até a bilheteria do Planetário e deparam com o seguinte aviso: "Atendimento temporariamente suspenso para revisão técnica e elaboração de nova programação".

Para o diretor do espaço, Clarêncio Abad, o problema do Planetário é puramente administrativo. "Estou esperando, desde janeiro, a liberação de três processos (técnico, administrativo e programacional) para darmos continuidade ao programa. Precisamos de uma pequena verba, orçada há quatro meses, em NCz$ 10.000,00. A única resposta que recebo é que os processos estão em curso". Na opinião de Clarêncio, responsável pelo local desde o começo, estamos assistindo ao Planetário sucumbir, apesar da Secretaria de Cultura ter prometido tomar providência. "A ressureição de Cristo se deu em quatro dias e a nossa já dura quatro meses...", desabafa.

Outro desabafo vem da idealizadora do Gran Circo Lar, a produtora Elaine Ruas. "O circo foi um filho que gerei mas ainda não pari", afirma a responsável pela criação deste espaço inicialmente aberto às várias manifestações artísticas, culturais, educacionais e de assistência às crianças carentes. Com aval do arquiteto Lúcio Costa e projeto de sua filha, Maria Elisa Costa, o Circo foi inaugurado em novembro de 1986 já cheio de falhas técnicas, principalmente de acústica. Com a chegada das chuvas e, posteriormente, da seca, a lona pintada nas cores orientadas pelo artista plástico Athos Bulcão não resistiu à ação do tempo, e daí surgiram vários rombos. Os funcionários da FCDF não especializados são quem faz os remendos dentro da possibilidade de amadores. O Gran Circo Lar nunca cumpriu suas atribuições: somente shows musicais são realizados de tempos em tempos.

Depois de inaugurado, a direção do Gran Circo Lar foi entregue ao então e atual secretário de Transportes do GDF, Airton Gertrudes. Se a questão dos transportes em Brasília não foi solucionado, muito menos o Circo andou para frente. Vieram mudanças no governo e o Circo também foi atingido. No papel, a direção foi atribuída ao jornalista Tetê Catalão mas que, por desvio de função, está servindo ao Instituto de Tecnologia Alternativa e à Secretaria de Cultura. Para Elaine Ruas, o Gran Circo Lar não desmontou ainda porque suas bases são muito fortes, "são as estacas do picadeiro que estão segurando a lona". A atriz está desenvolvendo, no momento, o seu projeto destinado aos Meninos de Rua junto com a Secretaria de Cultura, a ser implantado no próprio Circo, se não houver outros atropelos do descaso.

Enfim, a prova maior de que competência não precisa andar de braços dados com dinheiro se encontra lá na Vila Planalto. Na beira do lago, de frente a uma das paisagens mais bonitas de Brasília, se encontra a Concha Acústica, obra destinada a espetáculos ao ar livre. Fora alguns concertos sinfônicos promovidos pela Fundação Banco do Brasil, nada, absolutamente nada, é programado para o local. Apenas o mato é assíduo freqüentador desta Concha que, fora dois aparadores emprestados pelo SLU, só precisa de pessoas competentes para fazer o espetáculo continuar.